

Humanismo, ciência, cotidiano – sob o Renascimento¹



ANTONIO JOSÉ ROMERA VALVERDE

Resumo

O artigo analisa e roteiriza os nexos entre humanismo, ciência, arte e cotidiano durante o Renascimento, pelo viés das distinções e dos avanços científicos. Apresenta as idéias força do pensamento moderno, sob o dinamismo do projeto burguês.

Palavras-chave: ciência; cotidiano; conhecimento; idéias força; Renascimento.

Abstract

The article analyzes and traces the connections among humanism, science, art, and daily routine during Renaissance, through the bias of distinctions and scientific progresses. It introduces the core ideas of

modern thought, under the dynamism of the bourgeois project.

Key-words: science; daily routine; knowledge; core ideas; Renaissance.

Para a sociedade feudal, a erudição e o conhecimento eram detidos por grupos privilegiados e a vida cotidiana encontrava-se muito distante da ciência. Naquela sociedade, a ciência e a magia² – praticamente sem distinção entre si – estavam envoltas em mistério e associadas às noções de diabólico e pecaminoso. Entretanto, durante o

Renascimento, a ciência e a erudição, a tecnologia e a arte diferenciavam-se

1. O presente artigo é parte da pesquisa “O Homem do Renascimento: o Homem como medida”, financiada pelo NPP da FGV-EAESP.

2. Ver “Considerações sobre a magia”. In: GARIN, Eugenio. (1998), *Idade Média e Renascimento*. Lisboa, Estampa, pp. 147-164.

numa medida relativamente pequena da vida cotidiana (...) a dissolução do sistema de ordens sociais liquidou a associação entre a ciência e o privilégio. Desse ponto de vista, a organização da Academia Platônica em Florença constituiu um acontecimento que marcou uma época; era a primeira escola de filosofia independente do velho enquadramento da Igreja e da universidade e, além disso, inteiramente secular e “aberta”, no sentido de que estava em princípio aberta a qualquer homem pensante, pelo menos a todos que pensavam de maneira platônica.³

Assim, a prática da erudição e das artes liberais começou a transformar-se em profissão, ocasionando o desenvolvimento de novo estrato da *intelligentsia*. A ciência renascentista revelou uma novidade: o fato de emergir de necessidades da vida cotidiana comum. Da

3. HELLER, Agnes. (1982), *O homem do Renascimento*. Trad. Conceição Jardim e Henry Holiday. Lisboa, Presença, p. 124. “No mundo do Renascimento, originaram-se em imitações da Academia que Platão fundou como uma sociedade e escola erudita e religiosa em Atenas. O primeiro ressurgimento da idéia no Ocidente foi um reflexo do entusiasmo de Cosimo de Medici e de Ficino pelos diálogos platônicos. A partir da década de 1460, houve uma associação sem caráter formal cujas reuniões eram realizadas na *villa* Medici em Careggi, imitando os encontros do *Banquete* de Platão. Eram patrocinadas por Lorenzo de Medici e freqüentadas por Ficino, Poliziano, Landino e outros. A Academia não sobreviveu por muito tempo à morte de Lorenzo (1492), mas houve um breve reflorescimento no começo do século XVI, quando os encontros foram realizados nos Jardins Rucellai (Orti Rucellai).” Cf. HALE, J. R. (1988), *Dicionário do Renascimento Italiano*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 15.

mesma maneira, a filosofia movimentou-se para os problemas éticos da vida cotidiana, no mesmo passo em que o comportamento estóico-epicurista tendia a realizar-se na prática diária do homem comum.

Entretanto, a visão cotidiana do conhecimento também sofria alteração, pois as grandes descobertas se acumulavam, sobretudo as de caráter científico: Copérnico (1473-1543) afirma o movimento da Terra em torno do Sol em seu *Tratado das Revoluções dos Corpos Celestes*.⁴ Galileu Galilei⁵ (1564-1641), com uma incipiente luneta e cálculos matemáticos sofisticados para a época, confirma a teoria de Copérnico e descobrirá, ainda, as leis da queda dos corpos. Kepler (1571-1630) expôs em 1609 as três leis do movimento dos planetas. Michel Servet (1509-1553) foi o primeiro a conceber a idéia da circulação do sangue. A matemática pura progride,

4. Ver “La rivoluzione copernicana e il mito solare” e “Alle origini della polemica anticopernicana”. In: GARIN, Eugenio. (1992), *Rinascite e Rivoluzioni: Movimenti culturali dal XIV al XVIII secolo*. Roma-Bari, Laterza/Mondari, pp. 255-281 e 283-295, respectivamente. Ver também “Copérnico”. In: YATES, Frances A. (1993), *Ideas e Ideales del Renacimiento en el Norte de Europa*, vol. III de *Ensayos Reunidos*. Trad. Tomás Segovia. México, Fondo de Cultura Económica, pp. 378-379. “A primeira descoberta científica que escandalizou a imaginação quotidiana foi o universo de Copérnico; para o compreender, era necessário abandonar o caminho sólido do testemunho dos sentidos.” In: HELLER, Agnes, op. cit., p. 125.

5. Ver “Galileu e a cultura do seu tempo” e “Galileu ‘filósofo’”. In: GARIN, Eugenio. (1996), *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. Trad. Cecília Prada. São Paulo, Unesp, pp. 131-166 e 167-190, respectivamente.

pois, em 1543, o matemático italiano Tartaglia resolve equações do 3º grau. Viète, antes mesmo de Descartes e Fermat, entrevê o princípio da aplicação da álgebra à geometria. A descoberta da pólvora, a invenção das armas de fogo, das agulhas de marear – bússola – alteram o cenário das guerras, conquistas e da navegação marítima. Se a tudo isso for acrescida a invenção da imprensa⁶ e a difusão da cultura humanista que principia a resultar desse fato, compreende-se a efervescência intelectual e a expectativa da época do *Renascimento*.

6. “A Imprensa e a Difusão do Humanismo. Os progressos industriais realizados entre o XI e XV séculos facilitaram, em fins deste último, a difusão dos clássicos gregos e romanos, dando aos observadores superficiais a falsa impressão do renascimento de uma cultura que, na verdade, nunca morrera, bastando lembrar a enorme influência dos autores antigos sobre Dante, o qual, inclusive, toma, para seu guia, na *Divina Comédia*, a Virgílio, *l’altissimo poeta*. E, contudo, em sua formação intelectual, é o florentino, inquestionavelmente, lídimo representante da Idade Média.

Imensos óbices impediram, até o século XV, a grande difusão da cultura clássica. Eram os livros, na Antigüidade, escritos em pergaminho, preparado com pele de carneiro, em papel, feito de papiro, planta palustre da família das ciperáceas, muito comum no Egito. Sendo mais barato do que o pergaminho, era do papiro que geralmente se serviam, em seus escritos, os gregos e romanos. Depois, porém, que os sarracenos conquistaram o Egito, no sétimo século, cessaram quase por completo as relações entre esse país e a Europa, e o papel fabricado com a preciosa ciperácea deixou de ser usado no Ocidente. Passaram todos os livros, então, a serem escritos em pergaminho e, sendo este de alto preço, tornaram-se excessivamente raros, e, portanto, caríssimos.

Durante o Renascimento, com

(...) o aparecimento dos ciclos burgueses de acumulação, surgiu uma interação constante entre as necessidades criadas pelo desenvolvimento dos meios de produção, por um lado, e a evolução da ciência, por outro.

Assim,

(...) os próprios problemas científicos atingiram um tal grau de abstração e um caráter de tal modo técnico que passaram a estar para além da compreensão e da capacidade do pensamento humano cotidiano.

Contudo, a “ciência renascentista manteve-se ainda dentro dos limites do pensamento cotidiano”.⁷ Porém, em movimento de desconfiança, contrário ao espírito da época, quanto aos destinos da ciência, que ao ousar desvendar as leis intrínsecas da natureza poderia, no mesmo passo, baralhar os reinos da natureza, encontra-se a pintura *moralista* de Hieronymus Bosch (1450-1516), sobre-

Uma só circunstância basta para caracterizar a dificuldade de obter-se, nessa época, material para a escrita. Todos os manuscritos do oitavo século e dos séculos imediatos são feitos em pergaminhos, dos quais foi apagada a primitiva escrita a fim de ser substituída por outra, e assim se perderam muitas obras antigas. Apagava-se um livro de Arquimedes, Tito Lívio, Tácito, Menandro, Ésquilo, ou não importa que autor antigo, e substituíam-se pela lenda de um santo ou as orações de um missal.” In: LINS, Ivan. (1967), *Erasmus, a Renascença e o Humanismo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, pp. 100 e 101.

7. HELLER, Agnes, op. cit., p. 125.

tudo os retábulos *As tentações de Santo Antônio e Jardim das Delícias*, expressões desse *delírio*. De certa forma, coube a Bacon o direito à resposta na esteira da proposta do método da ciência moderna. O aforismo inaugural do *Novum Organum* universaliza:

O homem, ministro e intérprete na natureza, faz e entende tanto quanto constatada, pela observação dos fatos ou pelo trabalho da mente, sobre a ordem da natureza; não sabe nem pode mais.⁸

E complementa:

No trabalho da natureza o homem não pode mais que unir e apartar os corpos. O restante realiza-o a própria natureza, em si mesma.⁹

A par desse caldo cultural científico, destaque para a filosofia de Nicolau de Cusa (1401-1464), que sonhou com a tolerância religiosa, num universo cultural baseado em fundamentos matemáticos, e com a transformação da natureza por meio de técnicas racionais. Além de atribuir movimento à Terra, por mais difícil que seja conhecer com exatidão o significado da concepção de movimento desenvolvida pelo cusano.¹⁰ Um século depois, Maquiavel (1469-

8. BACON, Francis. (1979), *Novum Organum ou Verdadeiras indicações acerca da interpretação da natureza*. Trad. José Aluysio Reis de Andrade. 2 ed., São Paulo, Abril Cultural, p. 13 (Coleção "Os Pensadores").

9. Idem, p. 13.

10. A propósito, conferir KOYRÉ, Alexandre. (1986), *Do mundo fechado ao Universo infinito*. Trad. Donaldson M. Garschagen. 2 ed., Rio de Janeiro, Forense-Universitária, pp. 25 e 26.

1527) – fino observador da alma humana, homem de seu tempo e, talvez, a melhor expressão das alturas intelectuais do Renascimento italiano –, ao refletir acerca da política, tomou em conta os *fatos políticos* observáveis e projetou uma nova relação entre ética e política. Dessa forma, em sua teoria política, o que importa é a eficácia da ação política e não mais as idealizações éticas dos antigos e medievais. Ainda no século XVI, destaque também para a filosofia panteísta de Giordano Bruno e sua concepção de infinito.¹¹ Bruno continua sendo o pensador renascentista que mais implicações inferiu da descoberta de Copérnico.¹²

O Renascimento italiano constituiu um ponto de mutação para as artes. Durante a Idade Média, a arte e a vida cotidiana encontravam-se menos diferenciadas, assim como a religião e, para determinados estratos sociais, a cavalaria. Se a arte findava por servir tanto a religião quanto a cavalaria, durante o Renascimento, ao contrário, a

11. Conferir GIORDANO, Bruno. (1984) *Acerca do Infinito, do Universo e dos Mundos*. Trad. Aura Montenegro. 3 ed., Lisboa, Calouste Gulbenkian. Conferir também "A nova astronomia e a nova metafísica: Copérnico, Thomas Digges, Giordano Bruno e William Gilbert". In: KOYRÉ, Alexandre. (1986), op. cit., pp. 37-62.

12. Ver YATES, Frances A. (1996), *Lullio e Bruno*, vol. I *Ensayos Reunidos*. Trad. Tomás Segovia. México, Fondo de Cultura Económica. Ver também "Giordano Bruno". In: YATES, Frances A. (1991), *Renacimiento y Reforma: la contribución italiana*, vol. II *Ensayos Reunidos*. Trad. Tomás Segovia. México, Fondo de Cultura Económica, pp. 181-261. Apesar do excessivo tom místico de Yates, a pesquisa deve ser considerada.

arte e a vida cotidiana encontram-se mais separadas.

Foi nessa época que a arte *se separou da technê* e do divertimento, e que o artista começou a considerar *a arte enquanto tal como o seu objetivo*, em vez de a considerar como um simples produto secundário da atividade religiosa... O mais extraordinário foi a *tensão* que existiu durante este mesmo período entre a *ética intrínseca da obra de arte e a ética do comportamento cotidiano*.¹³

A vida cotidiana da época renascentista estava permeada pela brutalidade da *acumulação primitiva*, herança direta da anarquia feudal. Além disso, há o fato de que o Renascimento promoveu o desenvolvimento do individualismo e da vingança. Autores que expuseram a brutalidade como reflexo natural da sociedade, em linguagem descongestionada, foram: Boccaccio, Cellini e Maquiavel. Se Burckhardt trata da importância da *bella vendetta* na vida cotidiana, só mais tarde o limite à brutalidade individual e à prática da justiça com as próprias mãos foi imposto pela ordem legal burguesa, teorizada, em parte, por Hobbes. Mas, ante a brutalidade ordinária que surgiu a necessidade da *humanização da vida cotidiana* – um dos temas mais recorrentes da Modernidade.

Nexos entre a vida cotidiana e a arte são reconhecíveis no teatro. Maquiavel escreveu a primeira comédia moderna, *La Mandragola* – crítica da noção de virtude cristã medieval; Ben Jonson (1572-

1637), no palco do século XVII, *Volpone* ou *A raposa*; Shakespeare, ainda no mesmo palco, transpôs para o teatro os novíssimos tipos sociais, fruto do conceito dinâmico de homem renascentista,¹⁴ sob os efeitos da riqueza.

Sintetizadas em cinco pontos, as idéias força do pensamento renascentista são: 1. a idéia da necessidade histórica da separação entre Teologia e Filosofia – para autonomia desta última. Assim, a Filosofia principiava por deixar de ser serva da Teologia – *philosophia ancilla theologiae*. A par do processo de secularização em curso, Ficino, Bacon e, no limite, Descartes operaram essa separação – com sobriedade;¹⁵ 2. a idéia de que as matemáticas – aritmética, álgebra, geometria – são a escola da *razão rigorosa* por excelência. De certa forma, Nicolau de Cusa antecipa-se a Descartes, como antecipado em passagem anterior; 3. a idéia do *método experimental* e do conhecimento objetivo dos fenômenos e das forças da natureza. Galileu e F. Bacon são os primeiros artífices

14. “Maquiavel, Montaigne, Bacon e Shakespeare – as quatro glórias máximas do Renascimento... realizaram teórica e artisticamente *uma separação do valor, do ideal e da tabela das virtudes*, abrindo caminho ao desenvolvimento de uma ética realista numa época que uma comunidade relativamente pequena já não podia determinar o limite da ação humana e, portanto, a medida da validade ou nulidade da ação, mas na qual, pelo contrário, o indivíduo era obrigado a encontrar terreno para uma ação moral numa situação em que os valores e interesses se tinham tornado relativos e contraditórios.” HELLER, Agnes, op. cit., p. 23.

15. Deus, praticamente, deixa de ser um *tema* – ou o tema – para a Filosofia moderna.

13. HELLER, Agnes, op. cit., pp. 126 e 127.

dessa inovação; 4. a idéia da *utopia*, como o não-lugar terreno ou o baixar à Terra do céu medieval. Thomas More, em 1516, escreveu *Utopia*, cujo título original era *Livreto de veras preciosas e não menos úteis do que agradáveis sobre o melhor dos regimes de Estado e a ilha da Utopia até hoje desconhecida*.¹⁶ Nesse gênero enquadram-se as obras *A cidade do sol*, de Tommaso Campanella,¹⁷ e *A nova Atlântida*, de Francis Bacon,¹⁸ e 5. a idéia de uma nova relação entre ética e política, com Maquiavel.

A dinâmica inter-relação entre a ciência e a filosofia com a vida cotidiana, durante o Renascimento, promoveu

16. Conferir MORE, Thomas. (1981), *Utopia (1516)*, a cura de Luigi Firpo. 2 ed., Napoli, Guida.

17. Conferir CAMPANELLA, Tommaso. (1997), *La città del Sole*, a cura de Luigi Firpo, nuova edizione a cura di Germana Ernest e Laura Salvetti Firpo. Bari, Laterza.

18. "A reflexão histórica e social e a ciência política..., nasceram juntas no Renascimento, num encontro que não foi meramente casual. Desse mesmo cruzamento de interesses nasceria uma outra corrente de pensamento tão original quanto ousada: os utopistas. As obras mais notáveis nesse gênero são a *Utopia* (1516) de Thomas Morus, a *Cidade do Sol* (1623) de Campanella e a *Nova Atlântida* de Francis Bacon. As três obras tratam do mesmo tema: concebem uma comunidade ideal, puramente imaginária, onde os homens vivem e trabalham felizes, com fartura, paz e mantendo relações fraternais. Todas essas comunidades contam com um poder altamente centralizado, porém justo, racional e inspirado, o que o torna plenamente legítimo e incontestável para os membros da sociedade. Essas utopias refletem modelos basicamente urbanos, dispostos numa arquitetura geométrica em que cada detalhe obedece a um rigor matemático absoluto. Nessas comunidades-modelo, a harmonia social deve ser uma derivação da perfeição geométrica

uma certa democratização da ciência e da filosofia, entretanto, não impediu que elas criticassem a sociedade e a vida cotidiana da época. Assim, tal procedimento é notório em Montaigne e Bacon.

do espaço público. Por trás desses projetos geométricos, o que se percebe é um desejo de abolição da imprevisibilidade da História e da violência dos conflitos sociais. Seus autores revelam um nítido desejo de planificação total das relações sociais e produtivas e a perpetuação da ordem política racional. Um sonho muito caro para a camada que se arrogava agora o monopólio da razão." SEVCENKO, Nicolau, op. cit., pp. 21 e 22.

Contudo, também os telemitas, de Rabelais, devem ser incluídos sob o gênero literário da utopia. "*Como se regulavam os telemitas em sua maneira de viver*. Toda a sua vida era orientada, não por leis, estatutos ou regras, mas de acordo com a própria vontade e livre-arbítrio. Levantavam-se da cama quando bem lhes parecia; bebiam, comiam, trabalhavam e dormiam quando lhes vinha o desejo. Ninguém os despertava, ninguém os forçava a comer, nem a beber, nem a fazer qualquer outra coisa. Assim o estabelecera Gargântua. Todo o seu sistema se resumia nesta cláusula única: FAZE O QUE QUISERES.

Com efeito, quando se é livre, de boa índole, bem instruído, e quando se cultivam companhias honestas, há por natureza um instinto e estímulo que conduz à virtude e desvia do vício: é o que eles chamam de honra. Quando, porém, por vil sujeição e constrangimento, se é deprimido e aviltado, a nobre afeição que conduz naturalmente à virtude passa a ser empregada em enfraquecer e destruir o jugo de servidão, pois fazemos sempre o que é proibido e cobiçamos o que nos é negado.

Com essa liberdade, emulavam-se os telemitas, louvavelmente, em fazer tudo o que a um deles pudesse agradar. Se alguém dizia: 'Bebamos', todos bebiam. Se dizia: 'Jogamos', todos jogavam. Se dizia: 'Vamos passear no campo', todos iam. De volta das caçadas, as mulheres montadas em belas bacanéias ou em garbosos palafreiros, traziam cada qual, na mão delicadamente enluvada, um gavião, um açor, um esmerilhão. Os homens traziam outros pássaros.

Acerca da redução particularizante do cotidiano, Montaigne – aludindo Heráclito –¹⁹ escreveu:

Vivemos todos apertados, dentro de nós mesmos, e não vemos um palmo diante do nariz. Perguntaram a Sócrates de onde era e ele não respondeu: de Atenas, mas: do mundo. Para ele, cuja inte-

ligência mais vasta e aberta que a de outrem abarcava o universo e dele fazia sua cidade, o objeto de sua afeição era o gênero humano; e não agia como nós que apenas olhamos em torno de nós. Quando a vinha se queima sob a geadas em minha aldeia, o cura imagina que a cólera divina ameaça a humanidade e crê que já andam os canibais mortos de sede.²⁰

Bacon estendeu a crítica da vida cotidiana, concluindo que a ciência e o pensamento cotidiano poderiam interagir necessariamente, mas ressaltava que o pensamento cotidiano – mecanizado, repetitivo, preconceituoso –

Eram tão nobremente instruídos que não havia aquele nem aquela que não soubesse ler, escrever, cantar, tocar instrumentos harmoniosos, falar cinco ou seis línguas ou nelas compor tanto em carne como em oração solta.

Nunca se viram cavalheiros tão bravos, tão elegantes, tão destros a pé e a cavalo, nem mais vigorosos, mais ágeis e mais capazes de manejar todas as armas do que eles. Nunca se viram mulheres tão limpas, tão delicadas, de tão bom humor, nem de mãos mais hábeis na agulha e em todo trabalho feminino honesto e livre do que elas. Por essa razão, quando sucedia que algum, a pedido da família ou por outro motivo, desejava sair da abadia, levava consigo a mulher que o escolhesse como devoto e ambos se casavam. Então, embora tivessem vivido em Télema com devoção e amizade, ainda mais as fortificavam depois do casamento, amando-se tanto no fim dos seus dias como no primeiro das núpcias. RABELAIS, François, (1986), *Gargantua*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo, Hucitec, pp. 248-249. Conferir também caps. LII até LVI, pp. 233-247, acerca de detalhes da vida em comum dos telemitas.

Porém, as utopias de Morus e Campanella ainda mantêm escravos, portanto, liberdade e igualdade não pertencem a todos.

A propósito do conceito e história de utopia, consultar SZACHI, Jerzy. (1972), *As Utopias ou a felicidade imaginada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Para aportes acerca das dificuldades de uma sociologia do pensamento utópico, ver NEUSÜSS, Arnhelm. (1971), *Utopia*. Trad. María Nolla. Barcelona, Barral.

19. “Por isso convém que se siga a universal (razão, *logos*), quer dizer, a (razão) comum: uma vez

que o universal é o comum. Mas, embora essa razão seja universal, a maioria vive como se tivesse uma inteligência absolutamente pessoal.” In: HERÁCLITO, fragmento 2 (nº de Diels). “*Logos* é o nome correspondente ao verbo *légein*: recolher, dizer. É ‘palavra’, ‘discurso’, ‘linguagem’, ‘razão’.” In: SOUZA, José Cavalvante de. (1978), *Pré-Socráticos*. 2 ed., São Paulo, Abril Cultural, p. 79 (Col. “Os Pensadores”).

20. “Da educação das crianças”, cap. XXVI, Livro I. In: MONTAIGNE, Michel de. (1980), *Ensaaios*. Trad. Sérgio Milliet. 2 ed. São Paulo, Abril Cultural, p. 80 (Col. “Os Pensadores”). No original: “*Nous sommes tous contraints et amoncelés en nous, et avons la vue raccourcie à la longueur de notre nez. On demandait à Socrate d’où il était. Il ne répondit pas: ‘D’Athènes’, mais: ‘Du monde’. Lui, qui avait son imagination plus pleine et plus étendue, embrassait l’univers comme la ville, jetait ses connaissances, la société et ses affections à tout le genre humain, non pas comme nous Qui ne regardons que sous nous. Quand les vignes gèlent en mon ville, mon prêtre en arguente l’ire de Dieu sur la race humaine et juge que la pépie en tiene déjà les Cannibales.*” “De l’institution des enfants” (chapitre XXVI), In: MONTAIGNE, Michel. (1998), *Essais*. Paris, Pocket, p. 78.

tem sua própria estrutura, distinta da ciência. Logo, as *verdades* cotidianas não têm qualquer valor de demonstração científica ou de verdade. Na parte inicial do *Novum Organum*, com a teoria dos ídolos, enquadra-se o problema de modo emblemático para o futuro do Iluminismo.

Como quer Bacon,

(...) todas as percepções, tanto dos sentidos como da mente, guardam analogia com a natureza humana e não com o universo.²¹

O pai do materialismo moderno acrescenta que o

Montaigne – tanto quanto Sócrates, Musset e Heine – praticou a ironia em seus textos. “O grande ironista aparece em períodos agitados, perturbados, incertos, quando as pessoas à sua volta consagram-se a importantes negócios, quando o futuro depende de grandes decisões, quando grandes interesses estão em jogo e os homens de ação empenham-se sem reserva na luta. Então o ironista recolhe-se em si mesmo, aliás não por muito tempo. Ele se recupera e afirma-se. Voltando-se para fora e para o público, ele interroga os atores para saber se eles sabem exatamente por que arriscam suas vidas, a felicidade ou a falta de felicidade, sem contar a felicidade ou a infelicidade dos outros. Sabem bem eles o que representam e qual o seu jogo? O ironista toma consciência da distância que, já e diante dele, separa os pontos brilhantes destas constelações: os atos, os projetos, as representações, os homens, e enche de sombras os intervalos. Os encargos da hora, aqueles mesmos nos quais ele reconhece urgência, não o contentam. Escuta o horizonte e procura apreciar o presente... Não haveria na ironia um protesto da subjetividade maltratada ou oprimida contra o que aliena o indivíduo?”. In: LEFEBVRE, Henri. (1969), *Introdução à Modernidade: Prelúdios*. Trad. Jehovanira Chrysóstomo de Souza. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 11 e 12.

21. “Novum Organum ou Verdadeiras Indicações acerca da Interpretação da Natureza”.

(...) intelecto humano é semelhante a um espelho que reflete desigualmente os raios das coisas e, dessa forma, as distorce e corrompe.²²

Entretanto, são os ídolos da caverna – *ídola specus*, em alusão ao mito da caverna, platônico – que retratam no detalhe a relação entre a visão particular e a universal, pois os

(...) *ídolos da caverna* são os dos homens enquanto indivíduos. Pois, cada um – além das aberrações próprias da natureza humana em geral – tem uma caverna ou uma cova que intercepta e corrompe a luz da natureza; seja devido à natureza própria e singular de cada um; seja devido à educação ou conversação com os outros; seja pela leitura dos livros ou pela autoridade daqueles que se respeitam e admiram; seja pela diferença de impressões, segundo ocorram em ânimo preocupado e predisposto ou em ânimo equânime e tranqüilo; de tal forma que o espírito humano – tal como se acha disposto em cada um – é coisa vária, sujeita a múltiplas perturbações, e até certo ponto sujeita ao acaso.²³

Para a compreensão da função da ciência e seu inequívoco exercício, Bacon exigia, inicialmente, como condição imprescindível, o reconhecimento e a eliminação de todos os *ídola*. Exigência de rompimento com o universo do senso

In: BACON, Francis. (1979) *Bacon*. 2 ed., São Paulo, Abril Cultural, p. 21 (Col. “Os Pensadores”).

22. *Ibid.* p. 21.

23. *Ibid.*, pp. 21 e 22. Também os aforismos XLIII, XLIV, XLV, XLVI, XLVII, XLVIII e XLIX dão conta de explicitar, no detalhe, os ídolos da caverna.

comum,²⁴ de par com o reconhecimento da representação científica sistemática – prática comum para Galileu e Descartes.

Afinal, foi por essa época que surgiu a antropologia filosófica – ciência por excelência do Humanismo renascentista –, que objetiva conhecer o próprio sujeito de conhecimento.

Recebido em 15/5/2003
Aprovado em 19/5/2003

24. “Já falamos de todas as espécies de ídolos e de seus aparatos. Por decisão solene e inquebrantável todos devem ser abandonados e abjurados. O intelecto deve ser libertado e expurgado de todos eles, de tal modo que o acesso ao reino do homem, que repousa sobre as ciências, possa parecer-se ao acesso ao reino dos céus, *ao qual não se permite entrar senão sob a figura de criança.*” Ibid., pp. 37 e 38.

Antonio José Romera Valverde, professor do Departamento de Filosofia da PUC-SP e da Fundação Getúlio Vargas – EAESP.
E-mail: valverde@fgvsp.br